

**O Mercado de Cinema no
Brasil em obra bilíngue
(Português-Inglês)
organizada por
AFC e LATC**

**Brazilian Film Industry in a
bilingual English-Portuguese
work published by
AFC and LATC**

[RESENHA]

Luiza Lusvarghi

Bilingual Edition | Edição Bilingue

BRAZILIAN CINEMA TODAY:
Essays by Critics and Experts from Across Brazil

O CINEMA BRASILEIRO HOJE:
Ensaaios de críticos e especialistas de todo o país

Editors | Editores

Oliver Kwon
Steve Solot

Curator | Curadora
Susana Schild

Foreword | Prefácio
Jay Weissberg - VARIETY



[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

A coletânea Cinema Brasileiro Hoje: Ensaio de Críticos e Especialistas de todo o País, organizada por Steve Solot e Oliver Kwon, tece um painel da produção cinematográfica brasileira contemporânea, reunindo críticos de referência de todo o Brasil, atestando o vigor e a heterogeneidade da cinematografia a partir dos polos regionais de produção. A obra busca desconstruir estereótipos sobre os filmes brasileiros ainda vistos internacionalmente como referenciais de um “mundo em desenvolvimento”, e revela a existência, desde os primórdios, de um cinema que aborda tanto a comédia -, subvalorizada pela crítica, mas amada pelo público - quanto o drama e a crítica social. O livro se detém ainda na análise da consolidação crescente de nichos menos explorados como o segmento infantil.

Palavras-chaves: Cinema brasileiro. Comédia brasileira. Cinema pernambucano. Ciclo baiano. Retomada.

Brazilian Cinema Today: Essays by Critics and Experts from across Brazil is a collection of essays put together by Steve Solot and Oliver Kwon that provides a portrayal of contemporary Brazilian cinema, featuring reference critics from all parts of Brazil and attesting the vitality and heterogeneity of Brazilian cinema that ooze from several regional cinema hubs in the country. The purpose of this work is to break up stereotypes regarding Brazilian pictures, which are still seen by foreign audiences as references of a “developing world”, and to reveal the existence, since its inception, of a cinema history that encompasses genres ranging from comedy - underappreciated by critics, and yet loved by audiences - to drama and social criticism. The book also analyzes the increasing consolidation of niches less explored by Brazilian cinema, such as children’s movies.

Palavras-chaves: Brazilian cinema; Brazilian comedy; Pernambuco cinema; Bahia cycle; Retomada.

La colección Cinema Brasileiro Hoje: Ensaio de Críticos e Especialistas de todo o País (Cine Brasileño Hoy: Ensayos de Críticos y Especialistas de todo el país), organizada por Steve Solot e Oliver Kwon, presenta un panel de la producción cinematográfica brasileña contemporánea, reuniendo críticos de referencia de todo Brasil e demostrando el vigor y la heterogeneidad de la cinematografía a partir de los polos regionales de producción. El trabajo deconstruye estereótipos sobre películas brasileñas - todavía vistas internacionalmente como referencias de un “mundo en desarrollo” y revela un cine que, desde sus comienzos, incluya tanto la comedia (infravalorada por la crítica pero amada por el público), como el drama y la crítica social. El libro se detiene también en el análisis de la consolidación creciente de nichos menos explotados del mercado cinematográfico como el segmento del cine infantil.

Palavras-chaves: Cine brasileño; comedia brasileña; cine pernambucano; ciclo baiano; Retomada.

A coletânea Cinema Brasileiro Hoje: Ensaios de Críticos e Especialistas de todo o País, organizada por Steve Solot e Oliver Kwon, e publicada pela LATC (Latin American Training Center), reúne críticos de todo o Brasil para discutir a produção nacional mais recente sob uma perspectiva histórica.

O produtor Oliver Kwon é responsável pela criação da AFC (America Film Conservancy), organização não governamental sediada na Califórnia, voltada para estimular coproduções globais a partir da América Latina. Já a LATC, empresa de consultoria, foi fundada por Steve Solot, cidadão estadunidense radicado no Brasil, ex-Vice-Presidente para a América Latina da MPA (Motion Picture Association) e da Rio Film Commission.

A obra inclui contribuições de críticos de cinema, pesquisadores acadêmicos e realizadores, e evita limitar-se a meras análises fílmicas, buscando sempre contextualizar as produções dentro de processos mais amplos do que movimentos internacionalmente conhecidos como Cinema Novo e Retomada, partindo de polos regionais de produção e colocando em relevo outras manifestações estéticas, como a Chanchada ou o Tropicalismo. Ao adotar essa abordagem a coletânea concorre não somente para desmistificar o clichê do país em desenvolvimento que produz um cinema de crítica social e de estética realista, mas também evita apostar num único modelo de produção, como alerta Jay Weissberg em seu prefácio em que enfatiza a importância de democratizar o acesso de películas mais antigas ao público mundial. Susana Schild, jornalista, crítica de cinema e roteirista carioca, é a autora da introdução. Ela esboça um rápido panorama da história do cinema nacional, sempre dividido em ciclos descontínuos de produção, fato que somente vai se alterar a partir do

processo de reflorescimento da produção em meados da década de 1990.

O crítico santista Rubens Ewald Filho recupera a história dos ciclos do cinema brasileiro e vai abordar as chanchadas e o papel da comédia. Para Ewald, a presença do riso no cinema nacional, ao longo de toda a sua história, levanta a bilheteria e a autoestima muito mais do que os dramas e filmes de ação. Essa recorrência do humor na nossa cinematografia justifica o surgimento de comédias nos lançamentos brasileiros desta década, e seu sucesso entre o público.

Já o pesquisador e professor Carlos Alberto de Mattos analisa o papel do documentário nesta produção que se intensifica no século XXI, recuperando a importância do formato no passado e sua afinidade tanto na cultura cinematográfica quanto na produção televisiva. Ele cita inclusive a histórica experiência do programa de documentários televisivos Globo Repórter (na época, Globo Shell) na década de 1970, que levou os cineastas à televisão e impulsionou essa produção. No destaque, a obra monumental de Eduardo Coutinho, que compõe ao lado de João Moreira Salles e Maria Augusta Moura, o trio de cineastas que exploram temas polêmicos e ousam nas formas de narrar. Moura desenvolveu uma trilogia sobre os sistemas policiais e judiciários brasileiros, e Moreira Salles fez de sua obra um caleidoscópio das diferenças sociais e políticas no país, deslocando-se das favelas para as mansões com grande mobilidade. No cinema destacam-se ainda a onda de filmes de biografias de personalidades como Vinícius (2005), e as incursões de cineastas experimentais como Kiko Goifman, Sandra Kogut e Joel Pizzini, dentre outros.

O crítico carioca Daniel Schenker reflete sobre os fenômenos de bilheteria para concluir que as grandes produções destinadas ao sucesso são inevitavelmente calcadas numa linguagem televisiva, exploram o humor, a fantasia e raramente o realismo, caso das duas sequências de Tropa de Elite (2005, 2010) para em seguida analisar a trajetória das pequenas produções. Inevitavelmente desprezadas pelos circuitos comerciais, elas se viabilizam nos festivais e nos circuitos paralelos. Schenker dá destaque à Mostra de Tiradentes e ao Festival de Brasília como espaços alternativos dedicados à criatividade.

O processo de implantação das transmissões televisivas é o ponto de partida de Nelson Hoineff para comentar a relação entre televisão e cinema no Brasil. A televisão só se consolidaria com cobertura efetivamente nacional nos anos 1970. Seu fortalecimento como indústria cultural local num cenário dominado pelo filme estrangeiro acaba interferindo diretamente nos filmes nacionais, trazendo grandes bilheterias nos circuitos exibidores comerciais para astros televisivos como Xuxa e Renato Aragão (o Didi do quarteto Os Trapalhões). A criação da Globo Filmes, em 1998, e de mecanismos como o Fundo Setorial de Audiovisual (FSA), deslocam o monopólio da produção para os grandes grupos, deixando as demais produções, mais autorais, órfãs.

As produções voltadas para o público infanto-juvenil são o tema do crítico mineiro Paulo Henrique Silva, que enfatiza a predominância de obras hollywoodianas no segmento, com investidas muito tímidas do cinema

nacional. Renato Aragão e Xuxa foram as duas primeiras celebridades nacionais a ocupar as telas com produção voltada para este nicho. Recentemente o gênero tem passado por uma revitalização com os filmes de live action, com títulos como Os Meninos do Kichute (2009), de Luca Amberg, lançado em 2014, e Antes que o Mundo Acabe (2009), de Ana Luisa Azevedo. O filme Tainá uma experiência amazônica (2010) tentou tratar do tema da ecologia de maneira diferenciada, mas não conseguiu conquistar o público. Silva conclui que apesar da produção recente ser muito mais criativa do que a dos anos 1970, o gênero ainda continua a ser representado no circuito por produções estrangeiras, a maioria hollywoodiana.

A terceira parte do livro trata dos cinemas regionais. Em O Nordeste é verde, a crítica e pesquisadora Maria do Rosário Caetano retoma temas de seus trabalhos anteriores para falar do vigoroso cinema nordestino, e em particular do cinema de Pernambuco. Foi o Nordeste que subsidiou os talentos do Cinema Novo, segundo a autora. O novo cinema nordestino nos deu obras tão complexas como Iremos a Beirute (1998), Baile Perfumado (1997), O Auto da Compadecida (2000), Cinema, Aspirinas e Urubus (2005), O Céu de Suely (2006) e O som ao redor (2012), num processo que ela chama de a desconstrução do Nordeste.

Luiz Joaquim analisa o cinema pernambucano, com obras de cunho mais ensaístico como A História da Humanidade (2015), de Camilo Castelo Branco, mas também mais populares como Amor, Plástico e Barulho (2014), de Renata Pinheiro, e alternativos como Amigos de Risco (2007), de Daniel Bandeira. O cinema pernambucano é considerado o celeiro da experimentação fílmica do país, com obras essencialmente autorais, embora não se constituam como um projeto estético único, como ocorreu no passado. Ao contrário, trafegam entre o urbano e

o rural, espelham as contradições da sociedade moderna sempre de forma plural.

O cinema amazônico é o foco de Sávio Luiz Stocco, Juliano José de Araújo e Ricardo Agum Ribeiro. Este capítulo se destaca por discutir não somente os filmes de cineastas locais, mas aqueles que possuem a Amazônia como referência e foram rodados lá. A exploração do exotismo da região se soma a doses de realismo em *O cineasta da selva* (1997), de Aurélio Michiles, mesclando ficção e documentário. Já *As filhas da Chiquita* (2006) foca um evento gay que ocorre durante a tradicional celebração religiosa Círio de Nazaré, e *Serra Pelada: esperança não é sonho* (2007) é um drama ambientado durante o auge do maior garimpo a céu aberto do mundo, na década de 1980. Os longas-metragens *Invisíveis Prazeres Cotidianos* (2004), de Jorane Castro, e *A floresta de Jonathas* (2012), de Sérgio Andrade, ficcionalizam a contemporaneidade. As produções alternam documentário e ficção com frequência. Os filmes de maior repercussão foram rodados pelas grandes produtoras: *Xingu* (2012), de Cao Hamburger, pela O2, e *Serra Pelada* (2013), de Heitor Dhalia, pela Globo Filmes. Projetos como *Vídeo nas aldeias*, de Vincent Carelli, apostam num cinema indígena, mas suas produções circulam em espaços alternativos.

O crítico e professor Sérgio Moriconi destaca a importância da criação do primeiro curso de nível superior de Cinema na Universidade Nacional de Brasília (UnB), Distrito Federal, em 1965, reunindo luminares como Paulo Emílio Salles Gomes, Jean-Claude Bernadet e Nelson Pereira dos Santos, que produziu com os alunos *Fala Brasília* (1965). Espaço de contestação e oposição à ditadura, o curso durou

pouco, mas deixou sementes. Brasília, *contradições de uma cidade nova* (1967), de Joaquim Pedro de Andrade, narra as desigualdades sociais advindas do projeto modernista da capital. Outro realizador importante foi Vladimir Carvalho com *O País de São Saruê* (1971). Nos anos 1980 surge a Candango Produções lançando obras críticas como *Taguatinga em Pé de Guerra* (1982), de Armando Lacerda. A queda da ditadura militar gera filmes como *Louco por Cinema* (1994), de André de Oliveira. A nova geração tem influência mais pop, como mostram *A concepção* (2005), de José Eduardo Belmonte, *Faroeste Caboclo* (2014), de René Sampaio, *Branco Sai, Preto Fica* (2014), de Adirley Queirós.

Orlando Senna, cineasta surgido no surto underground do cinema baiano, no final da década de 1960, tece um panorama histórico de seu estado, a Bahia, a terra de Glauber Rocha, Roberto Pires e Olney São Paulo, os integrantes do Ciclo Baiano de Cinema inspirado pelo Cinema Novo. Senna assinala a inserção deste movimento em um contexto mais amplo de revolução cultural que incluía teatro, música (Tropicalismo), literatura, artes plásticas. A Bahia naquele período se converteu em referência cultural para todo o país, atraindo pessoas de outros lugares, o que influenciou a filmagem de *Dona Flor e seu Dois Maridos* (1976) por Bruno Barreto, adaptado do livro de Jorge Amado. Ao final, entra em cena o Cinema Marginal, do qual ele participou, a produção em Super-8, além de filmes com temas sociais, como *O Mágico e o Delegado* (1993), de Fernando Coni Campos. Esse caldo efervescente continua fertilizando a produção contemporânea, com *Sagrado Segredo* (2012), de André Luís de Oliveira, *Eu me lembro* (2006), de Edgard Navarro, e *Cidade Baixa* (2005), de Sérgio Machado.

A crítica, professora e pesquisadora gaúcha Ivonete Pinto fecha a coletânea falando do conceito possível de identidade nacional no cinema brasileiro hoje, alertando que contemporâneo, em sua reflexão, se refere ao que se produz na atualidade, dada a dificuldade de apontar uma única tendência. As comédias parecem assombrar esse novo milênio, mas em geral são “rótulos para filmes leves”. A presença do humor vem desde Os óculos do vovô (1913), de Francisco Santos, que a autora considera como o mais antigo filme de ficção brasileiro, pois essa produção gaúcha foi a única que conseguiu ser recuperada em sua quase totalidade na década de 1970. No entanto, cinebiografias, filmes-ensaio, dramas, também compõem esse painel. O mais alarmante, conclui, é que a geração dos smartphones passa longe dos cinemas, que estão diminuindo em número. Dos 1096 títulos lançados nos últimos 20 anos, somente 859 atingiram mais de 100 mil espectadores. O livro cumpre a função de ser uma obra referencial sobre a produção brasileira mais recente, mas prescinde da utilização de verbetes e de relação de filmes que poderiam torná-lo uma obra mais didática e funcional para pesquisa.

Cinema Brasileiro Hoje: Ensaios de Críticos e Especialistas de todo o País = Brazilian Cinema Today: Essays by Critics and Experts from across Brazil/Latin American Training Center; Steve Solot, Oliver Kwon (Orgs.) – Rio de Janeiro: Latin American Training Center, 2015. ISBN 978-85-62268-14-4 (E-book) First Edition 1ª Edição: 2015. ■

[LUIZA LUSVARGHI]

Graduada em Letras (Português-Inglês) pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de São Bernardo do Campo FASB (1977), em Comunicação Social (Jornalismo) pela PUC São Paulo (1986), com mestrado em Ciências da Comunicação pela ECA-USP (2002), sobre MTV e Globalização, doutorado pela ECA-USP (2007), sobre Cidade de Deus e Cidade dos Homens discutindo a produção audiovisual brasileira na Pós-Modernidade, e Pós-Doutorado pela UFPE sobre Indústria do Audiovisual na mídia nordestina. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Estudo dos Meios e da Produção Mediática e análise dos processos de transmediação na convergência entre Cinema e Televisão. Concluiu projeto de pesquisa de pós-doutoramento pelo PNPd Capes sobre as narrativas criminais na ficção televisiva latino-americana contemporânea na ECA USP.